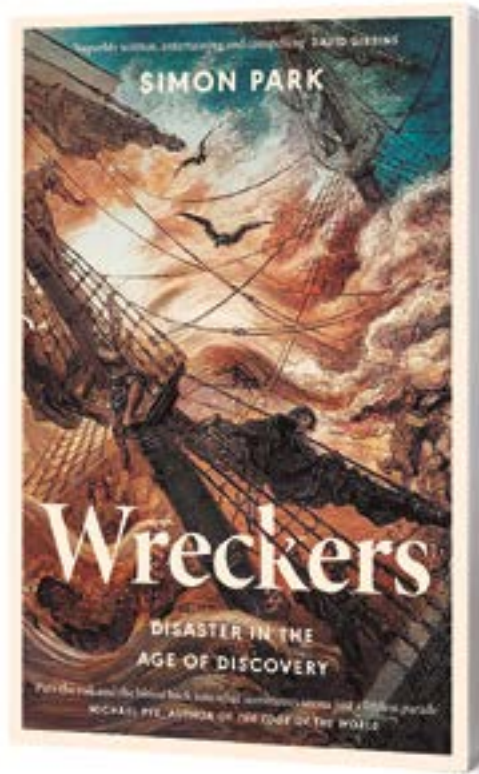


livros



O rei está nu:
Wreckers, de Simon Park

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho

***Wreckers: disaster in the Age of Discovery*, de Simon Park,
Londres, Penguin Viking, 2025, 320 p.**

V

ale muito a pena ler o livro *Wreckers* (2025), de Simon Park, que faz falar silêncios e contradições

do processo de conhecimento e apropriação do chamado Império português efetuado no decurso da Carreira da Índia, bem como atrocidades cometidas por nações imperialistas: Espanha, Portugal e Inglaterra. No todo, o livro se propõe a expor os impérios a partir de algumas de suas personagens, mostrando não o sentido glorioso da ação expansionista, mas algumas aberrações desastrosas que os desnudam.

A partir do título, todavia, o leitor não sabe de antemão do que se tratará: uma abordagem sentimental sobre o evento trágico de naufrágios, como faz o cinema? É improvável. Um painel das lendas em torno a naufrágios de celebridades históricas? Tampouco plausível. O título *Wreckers* efetivamente abre uma miríade de possibilidades,

pois a polissemia dessa palavra é de difícil tradução para um único vocábulo em língua portuguesa: algo em torno a naufragos ou naufrágios, adicionado sempre ao significado de destruição ou daquele que promove destruição. (Se o leitor, contudo, conhecer alguns significados recentes assimilados à semântica da palavra na cultura *pop*, ele vai achar também engraçado o nome da coisa.)

A ideia do livro é inusitada: apresentar os processos imperiais europeus empreendidos entre os séculos XV e XVII na Ásia, no Ártico e na América a partir de suas falhas, fissuras e destruição, de seus *wreckers*. Segundo informa seu autor, o interesse não incide na macroestrutura da máquina imperialista, mas em microcosmos individuais de homens, e algumas mulheres, empenhados na busca de riqueza e poder

MARIA DO SOCORRO FERNANDES DE CARVALHO é professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e autora de, entre outros, *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional* (Alameda).

fora da Europa. Essas personagens aparecem então como metonímias da infâmia. O leitor passa a entender que naufrágios e erros são uma face premente do processo de tomada de posse de espaços ou territórios de outrem. Como afirma a certa altura Simon Park sobre o Império português: “*Shipwrecks represent the limits of empire*” (“Destruições de navios representam os limites do império”), olhados pela lente desencantada de um historiador que não se deixa levar pelo discurso do alargamento *do império e da fé* – nas sete partes do livro, emergem usura, ímpeto e fracassos. As histórias pessoais narradas pela observância de certas experiências intensamente vividas fazem variadamente surgir arrebatamento e pavor em sequências inglórias.

Na primeira das sete partes do livro, o leitor acompanha passo a passo as ações do roteiro da viagem do périplo africano realizado por Vasco da Gama em 1497. A cada local da costa em que ancorava ou desejava interagir, houve muitos erros, dilemas, em síntese, desastres... (outra boa tradução para o título). A narrativa em torno a Vasco da Gama diz apresentar algumas “verdades” sobre a expansão ultramarina de Portugal, como a de que “os portugueses jamais gerenciaram o monopólio do comércio na Ásia conforme esperaram”. Efetivamente aparecem contradições de interesses entre a nobreza e a monarquia lusitanas. O leitor finaliza a leitura desse trecho ciente de que “a história do império é tão longa quanto a do protesto contra ele”, que a Carreira da Índia “instigou o mais extenso mercado de escravidão na história” e que “o império sempre foi contestado”. Boas lições.

A seguir, chega-se à América espanhola, onde se conhece a selvageria capitalista das

encomiendas e, depois, depara-se com grupos de *maroons*, os rebelados desertores, e muitos problemas que eles causaram à Coroa espanhola, como os grupos de um Enrique e de certo Gonzalo, personagem este como que saído de um filme existencialista. Mais adiante voltamos às águas com Fernão de Magalhães, o pequeno Ferdinand Magellan, que fazia tudo por dinheiro.

À medida que acrescenta narrativas de destinos de alguns particulares homens, Simon Park realça sua proposta de efetivar uma revisão historiográfica que parta da desconfiância nas fontes historiográficas realizadas por outras visões ou versões, como se o leitor se deparasse com obras de arte em uma galeria, todavia vistas num novo reenquadramento (*reframing*).

Na Parte Cinco surge o Estado do Brasil, com personagens cujos nomes o leitor brasileiro reconhece, bem ou mal, das mal traçadas linhas de nossa história. É o caso de Hans Staden, pintado de tal modo mercenário que passamos a ver como não era gostoso nosso francês. Desastres sucedem, até chegarmos a Manuel de Sousa de Sepúlveda, cujo fim demasiado trágico foi cantado em verso e prosa nas letras portuguesas. Essa jornada teria sido conduzida por incomensurável e viciosa ganância. O naufrágio da nau São João em 1552, em terras de Moçambique, é contado inteiramente em palavras e imagens, que o livro traz, como também alguns mapas. O último trecho do livro é dedicado ao Império inglês, com o que o autor britânico compõe certo decoro no conjunto da desconstrução dos signos e significados imperiais do Antigo Regime. Ele conta que, sob o patronado da rainha Elizabeth I, mercenários ingleses trazem sua contribuição aos horrores opressivos

que os impérios conduziram em todos os cantos do mundo. Dessa feita, é relatada uma amostra da violência britânica contra os povos originários do hoje território do Canadá, os inuítes.

A composição do livro de Simon Park resulta de pesquisa minuciosa de fontes primárias, em larga escala de registros de bordo das viagens cujos pontos mais reveladores ele sintetiza ao leitor, como um historiador que olha para o passado, vê suas ruínas e as relata à sua contemporaneidade. Park não abre mão de dizer, vez por outra, o que pensa sobre tais personagens escolhidas como signos imperiais. No entanto, embora parta de fontes primárias, desconsidera a retórica e despreza as diferenças entre os gêneros discursivos, portanto ignora o conceito. De retórica, a ideia que o autor traz aproxima-se àquela que o senso comum veicula hoje em dia: discurso feito para enganar, curiosamente noção próxima à que autores antigos tiveram, em determinada altura de certa Antiguidade muito longínqua, em relação aos sofistas. A retórica, segundo afirma alguns, “*could twist and contort*” (“pode torcer e contorcer”). Para os autores de suas fontes quinhentistas e seiscentistas, todavia, a arte da retórica era aliada da verdade na medida em que montava par

com a dialética. No campo do discurso, ainda, ao conceito central daquelas letras, a imitação dos antigos e outros pressupostos delas fundantes são reservadas algumas poucas palavras de um parágrafo. Com isso, vê-se que *Wreckers*, como livro de divulgação que se propõe ser, pouco interesse tem em historicizar conceitos e noções, interpretando-os na medida dos fatos narrados, certamente, mas sem demorar em interpretações do presente histórico dos eventos contados, nosso passado. Corolário desse procedimento, a opinião plenamente conservadora e antimercantilista do Velho do Restelo, de Luís de Camões, é tomada como *disruptive voice* (“voz perturbadora”). De certo é voz inusitada no conjunto da obra magna camoniana, elogio do Império português, porque fundada no valor da aristocracia velha, ao passo que a causa eficiente do expansionismo truculento de Portugal foi o vil metal burguês. Rara exceção ocorre com a noção de *mestizaje*, apresentada brevemente a partir da ponderação: “*as it was construed in the past*” (“como foi construído no passado”).

No todo do livro, contudo, fica ao leitor a possibilidade de conhecer outra versão das histórias, fundamentada em rigoroso estudo, e o desafio de entender a proposta autoral do excelente livro dos *Wreckers*.